

NOSAGENDA

Cabo Verde 45 Anos de Independência

**Viva Cabo Verde!
Viva 5 de julho!**

Papel da música
na luta pela independência

**Ernestina
Silá**

Papel das mulheres
na luta pela
independência

**Para os
nossos
Leitores
mais
jovens**

O grito dos
cabo-verdianos
pela
independência

**Amílcar
Cabral**

A ideologia de
Amílcar Cabral

1975 / 2020

ÍNDICE



30

—
A ideologia de Amílcar Cabral
O que se tornou realidade



20

—
Papel da música na luta
pela independência

39

—
Maria da luz Boal



PREFÁCIO

04 Raisia Melo Fortes

NOSAGENDA MAGAZINE

08 Sobre a Revista

ARTE & CULTURA

20 Papel da música na luta pela independência

CRIANÇAS DE NOSAGENDA

22 Página para colorir
24 Histórias para crianças
26 Página para colorir

45 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

12 Cronologia
30 A ideologia de Amílcar Cabral
O que se tornou realidade
36 Papel das mulheres na independência
40 #blacklivesmatter



PREFÁCIO RAISA MELO FORTES



FOTOGRAFIE – ROB TEN BROEK

Caro leitor,

Que bom que você está dedicando um tempinho para ler a Revista Nosagenda on-line, gratuita! Há já um ano que a Revista Nosagenda foi lançada. Estamos muito orgulhosos e gratos por você ter-nos apoiado duante o ano passado. Nosso objetivo era mostrar Cabo Verde e todos os seus talentos ocultos. E, claro, o dia da independência também faz parte disso.

A independência é comemorada todos os anos nas ilhas e muito além. Uma festa de enorme valor para muitos cabo-verdianos. Este ano completam 45 anos desde que Cabo Verde conquistou a independência de Portugal. Em circunstâncias normais, esse marco seria comemorado mais do que nunca. Uma celebração de unidade e união no contexto da independência e liberdade. E que seja exatamente o que precisamos nestes tempos.

Os últimos meses foram no mínimo, uma grande montanha-russa emocional. A vida cotidiana foi interrompida abruptamente com a chegada do Covid-19. Aos poucos, estamos reequilibrando a vida cotidiana. Além disso, existe um enorme apelo social por mudança como resultado da brutalidade policial contra os cidadãos negros na América. Isso pode ser visto em nível global na forma dos protestos #BlackLivesMatter. Apesar de tudo isso, queríamos fazer algo no Nosagenda para comemorar este memorável primeiro ano e, por isso escolhemos: uma edição especial. Esta edição é

sobre a independência e liberdade. Mas o é que exatamente isso; liberdade para os cabo-verdianos? Todos conhecemos o combatente da pátria e da liberdade da parte masculina, com um dos nomes mais famosos na linha de frente: Amílcar Cabral. E as combatentes da liberdade femininas? Como estão os cabo-verdianos residentes actualmente em Cabo Verde? Há muito mais perguntas.

Como é mais difícil alcançar o leitor nesses tempos, optamos por uma revista on-line. Esta edição especial é diferente do habitual: mais compacta, gratuita e online para se envolver com o belo Cabo Verde de entre as coisas que estão acontecendo.

Gostaríamos de agradecer a todos que participaram nesta edição: os tradutores, mais uma vez, processaram todas as informações em três idiomas diferentes e a todos que foram francos nos artigos que forneceram. Como mencionado anteriormente, esta edição é sobre independência e liberdade. Por isso, escolhemos artigos que oferecem a todos o espaço para expressarem as suas próprias opiniões, conforme desejado.

Esperamos que você se inspire durante a leitura, sinta a unidade e a união e dê mais profundidade.

Boa leitura em nome da,
Equipa Nosagenda Magazine

COLOFON

Editorial

Elga de Pina Fernandes, Raísa Melo Fortes, Ermelindo Leal Gonçalves, Davidson Luis dos Santos Lekhrajmal Lopes

Foto de Capa

Vanessa Costa D'Áki Illustrations

Página para colorir

Cilene Gomes, Vanessa Costa D'Áki Illustrations

Tradutores

Flávia Rendall Rocha, Ermelindo Leal Gonçalves, Janeth Tavares, Niel Kramer, Vanda Marques, Julio Cesar Varela, Verónica da Veiga, Wilson Barros

Auditores

Kim Levi, Elga de Pina Fernandes, Bernadeth van Laak, Dewi Lammerts van Bueren, Verónica da Veiga, Oscar Lima

Escritores

Adison dos Reis, Raísa Melo Fortes, Ermelindo Leal Gonçalves

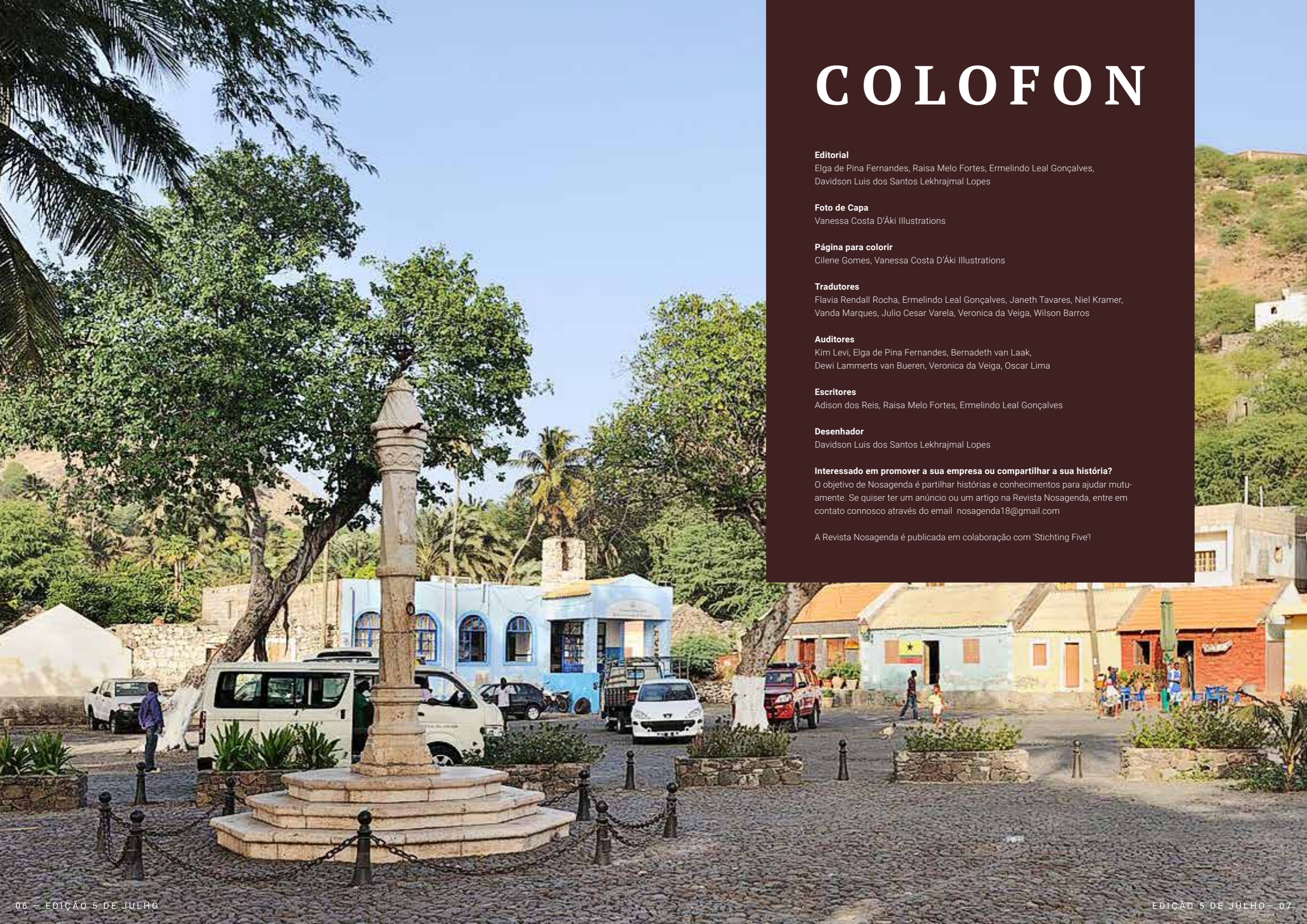
Desenhador

Davidson Luis dos Santos Lekhrajmal Lopes

Interessado em promover a sua empresa ou compartilhar a sua história?

O objetivo de Nosagenda é partilhar histórias e conhecimentos para ajudar mutuamente. Se quiser ter um anúncio ou um artigo na Revista Nosagenda, entre em contato conosco através do email nosagenda18@gmail.com

A Revista Nosagenda é publicada em colaboração com 'Stichting Five'!



SOBRE A REVISTA NOSAGENDA

Começou como um sonho e trazido á realidade com voluntários e por voluntários. A primeira edição da Revista Nosagenda foi lançada a 30 de junho de 2019 em Roterdão. A segunda edição foi lançada 6 meses depois em Dezembro do mesmo ano. Nosagenda tem como objetivo ser uma revista que fala sobre toda a beleza que Cabo Verde tem para oferecer. A revista é destinada a qualquer pessoa interessada neste lindo Arquipélago situado no Oceano Atlântico. Os artigos cobrem uma variedade de temas desde sobre Cultura ao Desporto até ás Histórias de viagens e sobre Empreendedorismo também. Com estas histórias, queremos informar e inspirar o leitor sobre Cabo Verde.

A equipe da Revista Nosagenda começou a trabalhar internacionalmente em busca de histórias antigas e atuais mas interessantes sobre as quais escrever. Apoie a população local de Cabo Verde. Esta é uma iniciativa para promover a conscientização sobre a difícil situação dos pequenos empresários locais. Isso proporciona aos turistas uma visão dos produtos e serviços existentes e os torna mais conscientes dos pequenos empreendedores locais do arquipélago.

A Revista Nosagenda faz parte da plataforma Nosagenda, com base em uma idéia de Elga de Pina Fernandes. A revista é composta, impressa e distribuída em Roterdão. Mais informações sobre a revista dos pontos de venda podem ser encontradas no site: www.nosagenda.com. Também nos poderá seguir no Facebook: Nosagenda e Instagram: @nosagenda, para não perder nenhuma informação em torno da plataforma. Como também poderá ler mais sobre os projetos e outras iniciativas no site e nas redes sociais. Deseja participar ativamente da plataforma Nosagenda? Então não hesite em nos contatar!



**Podemos fazer mais
quando nos unimos**



A. CABRAL NÔS IRMON
"MORRÊ"
PA DA NÔS, ÔTE VIDA

PORTUGAL
WORDT GEREGEERD
DOOR MOORDENAARS

AMILGAR CABRAL
HERÓI DO FOLK
AFRICANO
ASSASSINADO
PELOS COLONIALISTAS
PORTUGUESES



ARSTR

26

45 ANOS DE INDEPENDÊNCIA



Diogo Gomes 1 van de ontdekkers. Standbeeld staat in Praia.

(Segundo a Historiografia) As ilhas de Cabo Verde foram descobertas entre 1460 e 1462 por marinheiros Portugueses e Genoveses (liderados por Diogo Gomes e António Noli,) a serviço da coroa portuguesa. As ilhas do sudeste, incluindo a maior ilha, a de Santiago, foram descobertas em 1460.

Cabo Verde é declarado território português

Erupção do vulcão no Fogo, por isso muitas pessoas migraram para a Brava



Abolição da escravatura na colónias Africanas de Portugal



Nasce Amílcar Cabral, em Batafa, Guiné-Bissau. Filho de pais cabo-verdianos; Juvenal António Lopes da Costa Cabral e Iva Pinhel Évora

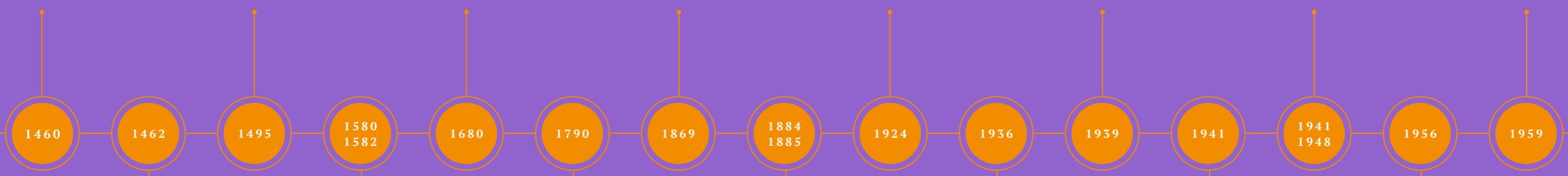
Aeroporto Internacional Amílcar Cabral; primeiro aeroporto construído no Sal pelos italianos, destinado ao trânsito entre Roma e a América do Sul. O primeiro voo de Roma e Sevilha foi em 15 de dezembro de 1939

Duas das piores épocas de fome de Cabo Verde ocorrem durante esse período, como resultado da escassez de alimentos, 45.000 pessoas morrem. Muitos cabo-verdianos decidem emigrar e aceitam ser contratados para trabalhar nas plantações portuguesas, incluindo São Tomé e Príncipe.



Tekst: Aos Maltres do 3 de Agosto de 1959, Homenagem do povo da Guiné e Cabo Verde.

Massacre de Pidjiguiti: durante uma greve dos estivadores em Pidjiguiti Guiné-Bissau, 50 trabalhadores desarmados são mortos a tiro pela polícia portuguesa. Este massacre sangrento dá origem a uma luta armada contra a colonização portuguesa



1460: É fundada a primeira povoação, hoje conhecida como Cidade Velha, na ilha de Santiago.

1495: Um longo período de fome, devido à seca atinge Cabo Verde

1580-1582: Os baleeiros americanos chegam a Cabo Verde; os cabo-verdianos que começam a trabalhar nos navios tornam-se nos primeiros imigrantes a se estabelecerem na América

1680: Conferência de Berlim: a África está distribuída entre as potências coloniais europeias. Guiné-Bissau e Cabo Verde são atribuídos a Portugal

1790: No Tarrafal, um campo de concentração é usado pelo ditador português Salazar. O campo é usado para aprisionar oponentes do regime português. O acampamento fica conhecido como: 'O acampamento da morte lenta'.

1869: Césaria "Barefoot Diva" Évora nasce, no Mindelo. Numa grande família de 7 filhos. Seus pais eram Justino da Cruz Évora, cantor em tempo parcial e Dona Joana

1884-1885: É estabelecido o PAIGC: partido africano pela independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde



45 ANOS DE INDEPENDÊNCIA



Amílcar Cabral é assassinado em Conacri - República da Guiné



Cabo Verde participa dos Jogos Olímpicos de 1996 em Atlanta, Estados Unidos pela primeira vez

Início da luta armada na Guiné-Bissau

Dois terços da Guiné-Bissau foram libertados pelo PAIGC

Eleições nas Ilhas Cabo Verde, PAIGC obteve 92% dos votos

É adotada a primeira Constituição de Cabo Verde

As primeiras eleições parlamentares são realizadas em um sistema multipartidário. Antonio Mascarenhas Monteiro torna-se presidente após as primeiras eleições livres em Cabo Verde.

Erupção do vulcão no Fogo, 1300 habitantes fogem de suas casas. Não houve mortes ou feridos.

1963

1964

1965

1972

1973

1974

1975 JUNI

1975 JULI

1980

1981

1991

1992

1995

1996

1996 JUL

Em fevereiro, o primeiro congresso do PAIGC ocorreu em Cassaca, cidade que já havia sido libertada.

Amílcar Cabral discursa para a ONU

Depois que o regime fascista é derrubado em Portugal, Portugal transfere o poder para um governo de transição em Cabo Verde

A independência de Cabo Verde é declarada após a assinatura de um acordo com os novos líderes de Portugal. Foi parcialmente tornado possível pela revolução de Portugal, que foi vista como um escândalo internacional

Após um golpe na Guiné-Bissau, a fusão dos dois países é cancelada. O PAIGC decide continuar com o nome PAICV. Substitui o PAIGC e se torna no único partido político de Cabo Verde

A constituição é revisada, restringindo os poderes do presidente

Mascarenhas Monteiro é reeleito e seu partido, o Movimento pela Democracia, ganha a maioria dos assentos nas eleições parlamentares



45 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

O governo aceita a derrota nas eleições parlamentares, abrindo caminho para o retorno ao poder do ex-Partido Africano para a Independência de Cabo Verde, PAICV

Suzanna Lubrano vence o prêmio de melhor cantora africana no Kora All African Music Award

O PAICV torna a vencer as eleições parlamentares e o líder em exercício, Pedro Pires, vence nas eleições presidenciais disputadas

Cabo Verde se eleva acima do status de país em desenvolvimento, isso se deve à maior renda média e a um aumento no Índice de Desenvolvimento Humano do PNUD

O primeiro-ministro José Maria Neves, do partido PAICV, vence as eleições parlamentares.



Dois dias de luto nacional são declarados com a morte da cantora Cesária Évora, considerada uma das maiores representantes da Morna, uma forma de blues, considerada a música nacional de Cabo Verde

Maior erupção em décadas do vulcão do Fogo (Pico de Fogo). Destroí duas aldeias, forçando 1.500 pessoas a fugir de suas casas



O estilo musical cabo-verdiano Morna é reconhecido como Patrimônio Mundial pela Unesco

2001
JAN

2001
MART

2003

2004

2006

2007

2008

2009

2011
FEB

2011
AUG

2011
DEC

2012
OKT

2014
NOV

2016
MRT

2019
DEC

Pedro Pires, do Partido pela Independência de Cabo Verde, é eleito presidente após derrotar seu rival, do movimento pelo democrata Carlos Veiga com 17 votos.

Cesária Évora ganha um Grammy na categoria "Melhor álbum de música contemporânea do mundo com Voz D'Amor. Ela é considerada a melhor artista de Morna, um gênero musical frequentemente comparado ao Blues



O Conselho da Organização Mundial do Comércio (OMC) aprova a adesão de Cabo Verde à organização.

Cidade Velha entra na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO



Jorge Carlos Fonseca é eleito presidente, tornando-se o quarto presidente do país

Os tubarões azuis se classificam pela primeira vez na Copa da África, uma das competições mais importantes da CAF, liderada pelo técnico Lúcio Antunes

Movimento pela Democracia (MPD) vence as eleições parlamentares; o líder Ulisses Correia de Silva torna-se primeiro-ministro no mês seguinte



VIVA CABO VERDE! VIVA 5 DE JULHO?



Se a minha cachupa fosse um disco, seria um dos anos 70

@ADISONHOLYKING

Cachupa é o nosso prato tradicional, composto por vários tipos de feijão, milho e muitas vezes carne ou peixe. Cada um faz a cachupa à sua maneira, mas a base é sempre o mesmo: milho e feijão. Um prato colorido com feijão e milho de todos os tamanhos, unidos pela sopa grossa em que flutuam.

Cachupa me lembra o povo cabo-verdiano, um dos povos mais mistos do mundo, mas com uma base: Cabo Verde.

Isso ocorre porque Cabo Verde desempenhou um papel importante, não apenas como um cruzamento importante na escravidão, mas em todo o transporte marítimo que cruzava o Atlântico. Foi, portanto, um ponto em que americanos (originalmente europeus), asiáticos, africanos escravizados e africanos livres passaram. Muitos se estabeleceram permanentemente entre os habitantes iniciais que estavam lá, antes que os portugueses "o descobrissem".

Pode-se ouvir essa mesma mistura nas músicas que foram gravadas por cabo-verdianos nas décadas de 60, 70 e 80. Rimas que nos levam da bateria africana às influências brasileiras, ao reggae jamaicano e até à valsa europeia.

Se a minha cachupa fosse um disco, seria um dos anos 70. O tempo em que estávamos tão ocupados com

independência, liberdade, autoconfiança e identidade cultural. Em cada registro, ouvir-se-ia algo sobre Cabo Verde - a luta, a transição da dependência para a "independência" e a busca pela auto-identidade.

Nosso combatente da liberdade, Amílcar Cabral, usou a música e a cultura como arma na batalha pela independência, com mensagens ocultas transmitidas através de notícias para os analfabetos ou mensagens secretas nas músicas. Tudo isso levando a uma cultura cabo-verdiana única.

E, no entanto, 45 anos depois, às vezes sente-se que há um conflito na cachupa. O Milho pensa que é melhor que os grãos, enquanto os grãos discutem qual deles é o feijão mais importante ou qual é o feijão mais autêntico, esquecendo que é a mistura que faz a cachupa. Enquanto isso, partes de Cabo Verde estão sendo compradas e vendidas por todos, exceto aos próprios cabo-verdianos.

São os cabo-verdianos de Cabo Verde, Portugal, França, Holanda, Estados Unidos e todos os outros lugares do mundo que fazem essa cachupa. Quando todo esse conhecimento é compartilhado, a luta termina e há uma conexão. Podemos então dizer:

Somos nós! Isto é cachupa e este é um Cabo Verde livre. Viva Cabo Verde! Viva independência!

Você sabia:

Cabo Verde já havia sido declarado Estado independente pela ONU, mas o governo português apenas o "autorizou" oficialmente em 1975

Há evidências de contato entre os nativos americanos e as pessoas que vieram das ilhas de Cabo Verde muito antes de "Cabo Verde ser" descoberto "no século XV. ("Eles vieram antes de Colombo" - de Ivan van Sertima)?

COMPARTILHE SUA PAGINA PARA COLORIR
NAS REDES SOCIAIS E TAG NOSAGENDA



O GRITO DOS CABO-VERDIANOS PELA INDEPENDENCIA

✱ PARA OS NOSSOS LEITORES MAIS JOVENS ✱

Este artigo foi especialmente escrito para os nossos leitores mais novos que tem curiosidade em saber mais sobre a história de Cabo Verde: de como o sentimento de liberdade e independência cresceu na população. Ele fornece uma pequena visão do desenrolar dos acontecimentos e esperamos, também, que seja material inspirador para as vossas conversas. O que é liberdade para ti? Já tiveste que te defender e como lidaste com isso?



Há muito tempo, Cabo Verde era um grupo de ilhas onde ninguém morava. Durante séculos, haviam apenas pequenos animais, as lagartixas, uma espécie de lagarto de nome skinks e ainda tartaruguinhas a caminho do grande Oceano Atlântico. Quando os Europeus estavam a explorar o mundo, a conquistar países, transformando-os em colónias, os Portugueses desembarcaram nas ilhas desabitadas de Cabo Verde, em 1460. Na ilha de Santiago, eles fundaram a primeira cidade portuguesa em África, Ribeira Grande, ainda conhecida como "Cidade Velha".

O TEMPO DOS PORTUGUESES

Como o clima em Cabo Verde era inadequado para a plantação de açúcar, os Portugueses decidiram fazer algo diferente. As ilhas seriam um ponto de encontro de comércio entre o velho e o novo mundo. Mercadorias de todo o tipo eram trazidas da Europa para Santiago e aí trocadas por pessoas africanas, a quem chamavam escravos.

Os povos escravizados eram enviados, por navio, para diferentes partes do continente americano. Uma vez lá, eles eram forçados a cultivar e a fabricar vários produtos, que depois eram enviados para a Europa para serem vendidos. Uma espécie de triângulo económico com um impacto negativo enorme para os povos escravizados. Tu podes imaginar em como isto tudo, para usar um termo suave, não estava bem "arranjado". Além dos muitos atos horríveis praticados durante a escravatura, estava, ainda, sempre à espreita o perigo de contrabandistas e piratas. A Cidade Velha foi, várias vezes, atacada por diferentes inimigos dos Portugueses. Por esta razão, decidiu-se, em 1770, mudar a cidade para a Praia, a 15 quilómetros daí. A cidade da Praia é, ainda hoje, a capital de Cabo Verde. Pouco a pouco, foi-se abolindo o comércio de escravos. Após a Segunda Guerra Mundial, muitos países

Europeus devolveram os países africanos aos seus habitantes originais. O ditador português, António de Oliveira Salazar, no entanto, não estava pronto para abrir mão tão facilmente das suas colónias, como os outros países. Ele acreditava que, estes países africanos tinham que ajudar Portugal a aumentar a sua riqueza. No sentido inverso, Portugal pouco fazia para ajudar os países africanos com os seus problemas. Em Cabo Verde, por exemplo, a seca provocou uma grande crise económica e muita fome. O governo português nada fez para resolver estes graves problemas, o que, naturalmente, deixou muitas pessoas zangadas e tristes.

Por estranho que pareça e por mais pesado que tenha sido, a população cabo-verdiana encontrava-se numa situação um pouco melhor do que as pessoas das outras colónias portuguesas. Ela era tratada, pelos portugueses, de uma melhor forma, devido à tonalidade mais clara da sua pele e aos seus cabelos mais lisos, em comparação com as pessoas oriundas de outros países africanos. Eles deram aos cabo-verdianos a ideia de que eram melhores e por isso, davam-lhes melhores postos de trabalho.

Este melhor tratamento podia-se ver, ainda, na educação. Cabo Verde tornou-se a primeira colónia portuguesa com uma escola de ensino secundário (liceu). No momento da independência, um quarto da população sabia ler. Estes números eram muito superiores, por exemplo, aos da Guiné Portuguesa (hoje Guiné-Bissau) onde apenas 5% da população sabia ler e escrever. O que os portugueses não sabiam é que este "melhor tratamento" sairia-lhes caro. A semente para um Cabo Verde independente e o grito pela liberdade teria sido plantada no seio da população instruída. Como tu deves saber: conhecimento é poder.

A LUTA PELA INDEPENDENCIA

A luta de Cabo Verde pela independência foi muito longa e perigosa. Felizmente, eles tinham um parceiro nessa longa luta, a Guiné Portuguesa. Essa luta conjunta não surgiu do nada. Durante muito tempo, ambos os países tiveram a mesma liderança portuguesa. Apenas no final do século XIX aconteceu a separação. No entanto, permaneceram unidos por um sonho comum: o da independência.

Enquanto a maioria das colónias europeias em África tornavam-se independentes, entre 1957 e 1964, os Portugueses mantinham o seu território africano. Na tentativa de distrair as pessoas da ideia de independência, os Portugueses decidiram, em 1951, dar um outro nome às colónias: províncias ultramarinas. Com isso seriam, no papel, um prolongamento de Portugal. Na prática, nada mudou. De acordo com o povo, isto não melhorou a sua vida, por isso muitas pessoas continuaram a exigir a total independência do país.



O partido político PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), fundado em 1956 e liderado pelo revolucionário Amílcar Cabral, foi a plataforma que colocou as demandas do povo no mapa. Originalmente, o objetivo do partido era obter a independência sem violência, mas a sua primeira ação correu logo muito mal. Organizaram uma simples greve de estivadores nas docas de Pidjiguiti, no porto de Bissau, que exigiam salários mais altos.

No entanto, o governo português tinha outra opinião. Eles acharam este comportamento inaceitável e reagiram com grande violência. Abriram fogo sobre os trabalhadores em greve e mais de 50 pessoas morreram. Esse triste evento ficou conhecido como o massacre de Pidjiguiti.

Isso foi motivo suficiente para o partido ver que tinham que seguir para a luta armada, caso contrário, eles nunca venceriam a luta pela independência. Depois de um longo período de preparação para tornarem-se mais fortes, eles, finalmente, revoltaram-se em Janeiro de 1963. A luta armada, travada em conjunto por Cabo Verde e Guiné, levou a muitas vitórias. Foi uma das mais longas guerras de libertação em África. A Guiné proclamou a sua independência em Setembro de 1973, mas esta apenas foi reconhecida por Portugal em 1974.

SOLUCAO SEM VIOLENCIA

Por causa da recente Segunda Guerra Mundial, mas sobretudo por causa das longas lutas coloniais, Portugal entrou numa profunda crise. Em 1974, um golpe de Estado seria bem sucedido. Os novos líderes de Portugal que tinham uma mentalidade diferente dos seus antecessores, entraram em negociações com os países africanos. Outro fator que muito ajudou nas negociações foi o fato de outros países estarem zangados com Portugal, pelo seu comportamento. Eles reconheciam a vontade destes países de serem livres.

A 5 de julho de 1975, recebeu Cabo Verde, finalmente, a total independência. Infelizmente, a 20 de Janeiro de 1973, Amílcar Cabral, tinha sido assassinado e não pôde ver o fim da batalha com os seus próprios olhos.

Aristides Pereira, um dos combatentes ao lado de Cabral, tornou-se o primeiro presidente cabo-verdiano. Ele foi presidente desde 1975 até 1991. Pereira fez o possível para melhorar a vida da população.

A luta na Guiné-Bissau ajudou muito para a independência de Cabo Verde, mas não foi esta luta feroz a verdadeira solução. Nada seria possível sem as vozes, o apoio e os sacrifícios de tantos homens e mulheres pelo PAIGC. Graças a eles, à guerra entre a Guiné e Portugal e ao apoio de vários países-amigos, os Portugueses foram obrigados a aceitar a independência de Cabo Verde.

Ainda hoje há muitas ligações com Portugal, que é um dos parceiros de cooperação mais importantes para o país.

Você sabia:

Que o governo queria que a forma como os Ingleses escreviam Cape Verde seria adaptado à forma como os portugueses escrevem: Cabo Verde?

COMPARTILHE SUA PAGINA PARA COLORIR
NAS REDES SOCIAIS E TAG NOSAGENDA



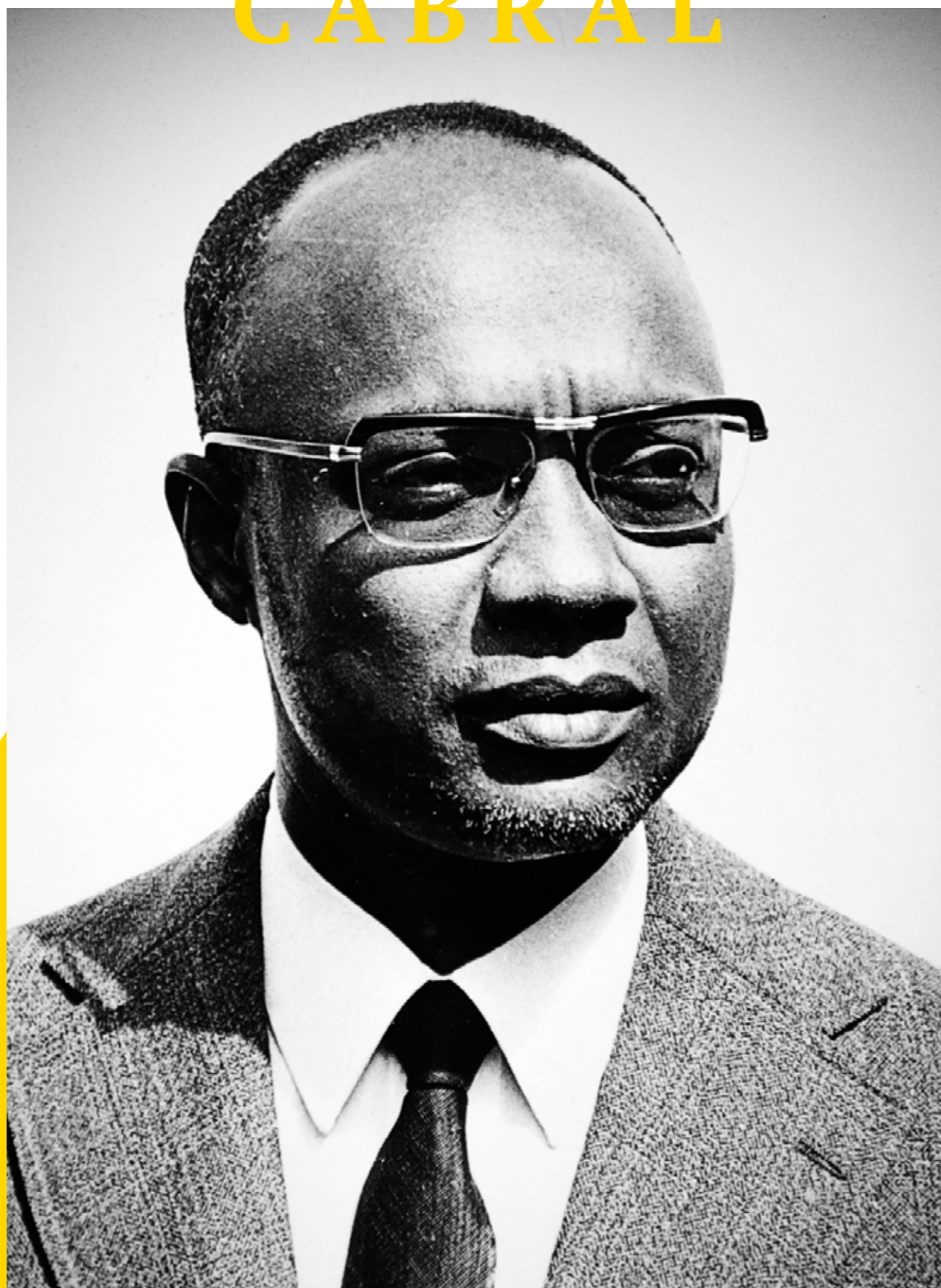
CAPO VERDE
5.7.75 ★ 5.7.20



Você sabia:
Você sabia que Pedro Pires foi o primeiro primeiro-ministro e depois o terceiro presidente do país?

© UN PHOTO/YUTAKA NAGATA

AMÍLCAR CABRAL



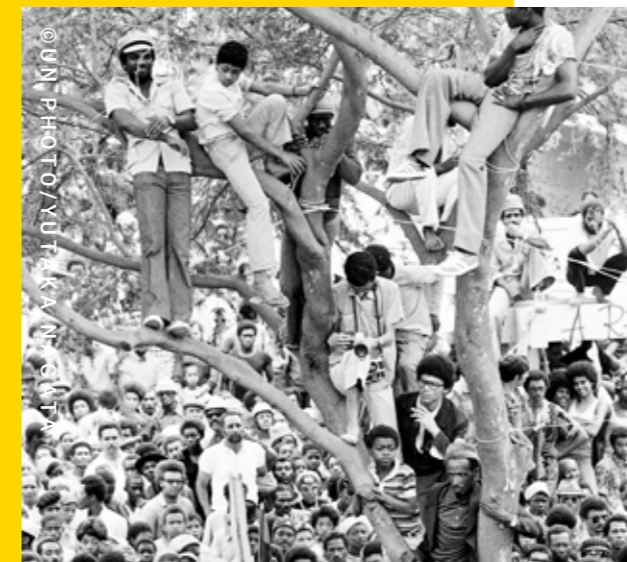
A ideologia de Amílcar Cabral O que se tornou realidade

A luta pela independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau tem como símbolos Amílcar Cabral e o PAIGC. O que motivou a luta e quais foram os ideais que formaram a base do movimento para a independência? Neste momento, 45 anos após a independência, pode-se fazer esta pergunta: o que aconteceu com estes ideais? Para esta edição especial, a Revista Nosagenda fez uma sondagem para localizar a ideologia de Cabral.

Para entender os ideais de Cabral, retrocedemos ao passado colonial de Cabo Verde. Após a descoberta do arquipélago de Cabo Verde, este foi utilizado pelos portugueses para o comércio de escravos. Com a abolição da escravatura em 1870 e com a conferência de Berlim em 1885, Portugal tornou-se administrativamente responsável por Cabo Verde e Guiné-Bissau. No século XIX, o regime fascista em Portugal sustentava que não possuíam colónias, as áreas africanas ocupadas eram vistas como províncias ultramarinas. Na realidade, ainda agiam com mão de ferro em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde. A população não tinha acesso à educação e vivia em extrema pobreza. Em Cabo Verde, por exemplo, houveram períodos de fome em que os colonialistas portugueses praticamente nada fizeram para ajudar. Isso criou uma contradição dolorosa entre, por um lado, o povo africano que vivia em extrema pobreza, oprimido e forçado a trabalhar e por outro, os colonialistas que lucravam com o sistema colonial e que viviam em abundância.

Assim, o objetivo principal da luta era: acabar com o colonialismo português na Guiné-Bissau e Cabo Verde e com isso, cessar o domínio estrangeiro, tanto político como economicamente.

Ao pôr fim à opressão portuguesa, Cabral e o PAIGC esperavam



melhores condições de vida para o povo, sem as fomes e com acesso à educação e a serviços de saúde.

Para conseguir isso, Amílcar Cabral percebeu que o sistema colonial tinha que ser demolido e substituído. A cultura desempenhou, aqui, um papel importante. Segundo os colonialistas, os africanos não eram civilizados, não possuem História nem Cultura. De entre o povo africano, a chamada elite, conseguiu subir para uma classe média, usufruindo de mais direitos económicos e sociais no sistema colonial. Esta pequena elite africana não se sentia inclinada a desistir, tão facilmente, da sua posição privilegiada e em parte, eles mantinham o sistema colonial ativo. Redescobrir e abraçar a própria cultura africana e reintegrar-se no seio da maioria africana eram, segundo Cabral, condições essenciais para libertar-se do pensamento colonial e, portanto, uma base para qualquer movimento de libertação nacional. Esse processo foi chamado de "reafricanização" (re-Africanização). Um objetivo importante da luta era, portanto: o direito à autodeterminação, para que o povo fosse livre de escolher o seu próprio status político e livre para desenvolver o seu próprio progresso económico, social e cultural.

A organização que Amílcar Cabral liderou não era apenas de combatentes lutando na frente. O PAIGC era um movimento com uma clara visão, de olhos postos no futuro e baseado nos seus próprios ideais. Essa visão incluía uma sociedade que investia na fundação de escolas e em que regras para a igualdade no acesso ao mercado de trabalho e a emancipação das mulheres eram centrais. Partindo de um passado colonial, em que uma minoria beneficiava-se enquanto a maioria nada possuía, a visão era: o estabelecimento de uma economia auto-suficiente, com uma distribuição justa de recursos.

A luta pela independência foi travada com o intuito de um melhor futuro para Cabo Verde e seu povo. Como é que a população vê isto, actualmente? 45 anos após a independência, a Revista Nosagenda colocou as duas perguntas seguintes, sobre liberdade e os ideais de Cabral, a cabo-verdianos de diferentes ilhas:

1: O que significa a independência de Cabo Verde para si?

2: O que aconteceu com os ideais de Amílcar Cabral?



Adilson Pires

PROFESSOR LICENCIADO EM ENSINO DE MATEMÁTICA E VOLUNTÁRIO DA CVCV. CABO VERDE – SÃO FILIPE, FOGO

A 5 de julho de 1975, o meu Cabo Verde tornou-se independente. O que para milhares de caboverdianos na altura era a saída da corte imperial colonial, uma forma de fugir da depressão de ser escravo da política portuguesa, hoje é muito mais do que a marca de um passado penoso e doloroso.

Há relatos do como a fome fustigava as entranhas dos seres nativos enquanto a coroa sugava toda a energia produzida pela terra verde. A 20 de janeiro de 1974, data do então falecimento do líder da resistência, eis que o povo se sentiu na obrigação de contornar os derivados da então luta pela independência dos dois países. Apesar do que estava em causa, era muito mais que a soberania dos países, a implementação de uma república seria de grande importância para os povos. A 5 de julho de 75, Cabo Verde acabou por ser reconhecido internacionalmente, pelo seu estatuto de país independente, um país em construção e que até os dias de hoje, continua crescendo mesmo a um ritmo logarítmico.

Os desafios são enormes e a cada dia, novos paradigmas, novos parágrafos a serem acrescentados no livro da nossa história. Esse é o país que temos e com prós e contras por causa da diversidade de opiniões, a liberdade é hoje valiosa e nos define como seres livres no contexto de todas as nações.

Cabral, o pai da nação, bem dizia que ser livre é essencial para que o homem pudesse crescer em todos os sentidos e hoje, para a nossa eterna alegria fomos e somos educados por essa ideologia de pura sabedoria. A educação é a base da sociedade e como professor defendo o mesmo. Cabral muito falou da educação como pilar do enraizamento social e hoje, temos uma sociedade que cumpre em partes essa ideologia. Há imensos ganhos nessa área e muito mais por fazer, há que regozijar, pois Cabral, "The Great" lutou por isso mais do que tudo.

É com imensa satisfação que pertenço a um país democrático, com um futuro pela frente. Somos trabalhadores e dignos da ideologia de Cabral. Um bem haja a todos os caboverdianos...

Patrícia Gonçalves Varela

JORNALISMO ASSOMADA - SANTIAGO

Ha 45 anos a nação cabo-verdiana tornou-se num estado independente, Elevado assim a categoria do país do rendimento médio. Pessoalmente acredito que a independência tanto contribuiu para a independência pessoal e democrático, todos com direito a vez e voz livremente, onde o povo ganhou a sua própria autonomia, e todos são liberalizados pela democracia.

A independência de Cabo Verde é um facto histórico, na medida em que marca a libertação e tornamos num estado soberano e livre. Com a independência a nação cabo-verdiana passou a ter a sua própria identidade política, cultural, o que até aos dias de hoje a nossa nação é reconhecida como um estado autónomo, posto isto podemos dizer que a independência de Cabo Verde foi um ganho histórico à nossa pátria.

De realçar que com o surgimento de vários teóricos com diferentes pontos de vista, os ideais de Cabral têm uma influência direta, mas os estudiosos, os políticos, a geração actual pouco têm produzido ou investigado algo sobre Amílcar Cabral, aquele que é uma figura maior na história da Guiné e Cabo Verde.

Para os companheiros de luta e admiradores do herói Amílcar Lopes Cabral, a população de Cabo Verde e Guiné- Bissau, Cabral foi e continua a ser um grande revolucionário e com todo mérito o "pai" da independência da Guiné e Cabo Verde.



Patrícia Silva

SOCIÓLOGA E MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS SÃO VICENTE – CIDADE DO MINDELO

A independência de Cabo Verde, o que significa para você?

A independência do meu país é algo bastante representativo para mim em todos os sentidos. Pois sendo uma pessoa com um pensamento e espírito livre não me vejo dentro da minha construção social vivendo num país nas condições que Cabo Verde antes da nossa independência. Muitas vezes fico angustiada e revoltada com as condições que temos hoje, imagina se vivesse nessa época onde não havia nenhum investimento na saúde, educação e onde as desigualdades eram bem marcantes. Portanto, a independência de Cabo Verde é um marco importante na história do nosso país apesar de até hoje, não termos conseguido descolonizar as nossas mentes infelizmente.

Continuámos a valorizar mais o que vem de fora do que aquilo que temos cá dentro. Precisamos ainda pagar a pessoas de fora que nos venham ensinar como trabalhar, quando anualmente o Ministério de Educação investe em bolsas de estudo para estudantes cabo-verdianos. Processo esse que foi reforçado desde do período pós-independência, mas infelizmente não confiamos nos recursos humanos locais.

Continuámos com a mentalidade que somos "pobres coitados" mesmo depois de termos erguido um país como Cabo Verde após a independência. Continuamos a praticar a política do assistencialismo de modo a manter a dependência das pessoas do Estado quando deveríamos investir mais na saúde, educação, habitação,

cultura e ciência. Na teoria estes investimentos acontecem, mas quando se vai analisar o seu nível de eficácia é muito baixo.

O que aconteceu com os ideais e objetivos de Amílcar Cabral e para que devemos continuar para realizar?

Para mim os ideais de Amílcar Cabral estão a se perder. Infelizmente em Cabo Verde não estudamos a nossa história. Existe investigação social a este nível, mas ela não chega nas escolas. Existe muitos silenciamentos e "apagamentos" na nossa história. Não se fala da história de África. Falar do continente africano é um tabu e chamar um cabo-verdiano de africano é muitas vezes considerado uma ofensa.

Nesse sentido o capítulo dedicado a Amílcar Cabral é trabalhado de forma muito superficial nas escolas e o que acaba por ficar é que ele foi o herói nacional por ter lutado pela nossa independência. Mas não se conhece de forma aprofundada a sua obra por exemplo como engenheiro agrônomo, como filósofo ou como pensador, ou seja, não conhecemos os seus ideais. E a tendência é piorar tendo em conta que o nosso sistema educativo está cada dia mais obsoleto. Torna-se assim, necessário um investimento sério na educação. Uma renovação nos currículos e uma maior valorização daquilo que é nosso pois continuamos a ensinar uma história "eurocentrada".

Você sabia:

Você sabia que os primeiros vôos para Boston e Massachusetts foram realizados em 1985 pela Cabo Verde Airlines (TACV).

Julio Rendall

SAL

Independência de Cabo Verde, o que isso significa para você?

A independência de Cabo Verde é um marco transcendente na vida de um Povo, da Nação, e das suas gentes, e para mim em particular é algo que marcou toda a minha juventude, pois desde os meus tempos de estudante, ainda muito jovem inquietava o meu espírito e causava-me alguma confusão a presença da tropa portuguesa em número significativo na ilha do Sal, e os conflitos permanentes com a população local.

A minha ida para S. Vicente para prosseguir os estudos, fez despertar em mim a vontade de conhecer o papel daqueles que lutavam para a nossa independência. Quando se deu o 25 de Abril de 1974, estando eu em Bissau, ao serviço do Exército Português aderi logo ao Movimento das Forças Armadas, que no seu Manifesto, declarava a descolonização e a Independência das Colónias, e pedi o meu regresso imediato a Cabo Verde, onde integrei as fileiras do PAIGC, e participei activamente na mobilização das pessoas, no Sal e na Boa Vista.

Em Abril de 1975, a convite do Comandante Silvino Manuel da Luz, Ministro da Defesa no Governo de Transição, deixei a Boa Vista onde exercia as funções de Professor de História e Geografia, no embrião do Liceu organizado com os colegas Aristides Lima e Jorge Spencer Lima, e desloquei-me ao Sal para receber todo o espólio do Exército Português, e passei a integrar o Núcleo das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP).

Foram momentos sublimes, que marcaram a minha juventude e que culminou com o Hastear da Bandeira da Independência.

O que aconteceu com os ideais de Amílcar Cabral?

O pensamento e os ideais de Amílcar Cabral, permanecem presentes no quotidiano do nosso Povo e da sua Nação, pois são transcendentes, universais, e ultrapassam meras conjunturas políticas, calando fundo na alma do Povo, que permanentemente luta pela sua dignidade e melhoria das suas condições de vida.

Os ensinamentos, o papel de Amílcar Cabral, na luta pela emancipação e independência ultrapassam as fronteiras de Cabo Verde e são fruto de estudos, análises e reflexões, pelas mais destacadas Universidades do Mundo, e não é por acaso que numa recente pesquisa feita pela conceituada BBC de Londres, a figura de Amílcar Cabral ter sido destacada como um dos Grandes Líderes do Séc. XX, no Mundo inteiro.



José J. Cabral

PÓS-GRADUAÇÃO
TARRAFAL DE SÃO NICOLAU – SÃO NICOLAU

A independência de Cabo Verde, o que significa para você?

Acesso à condição de povo independente, com nação e identidade próprias e poder de autodeterminação.

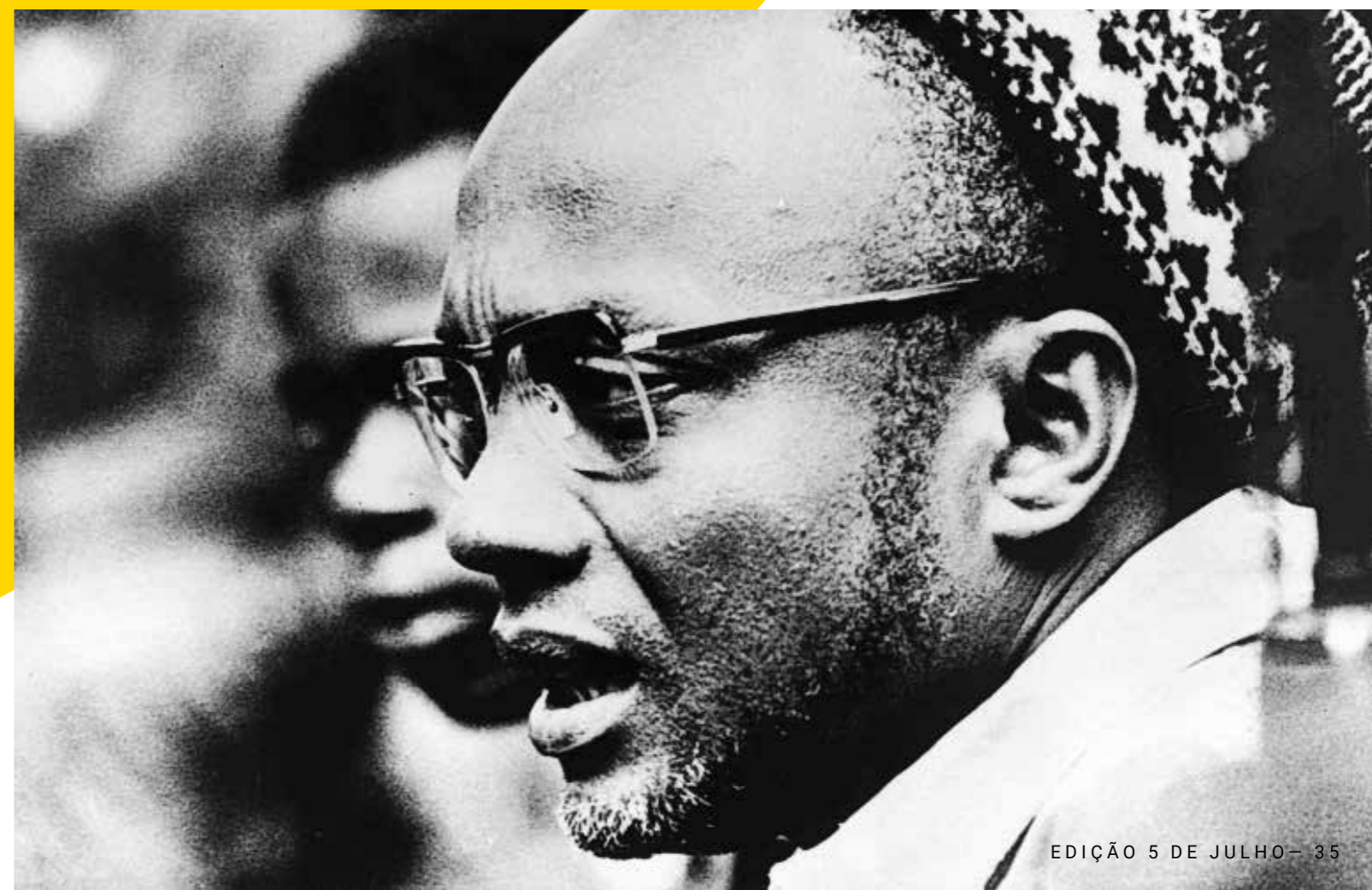
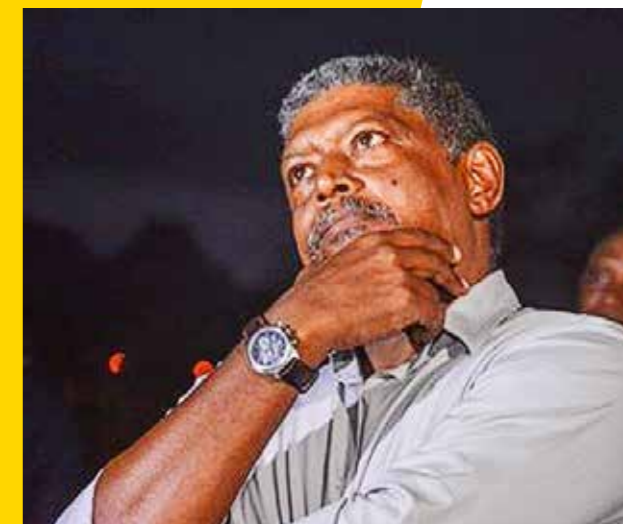
O que aconteceu com os ideais e objetivos de Amílcar Cabral e para que devemos continuar para realizar?

Muitos dos ideais de Cabral, foram subvertidos. Desde logo, de colocar os destinos do país liberto nas mãos dos "Melhores filhos da terra". Os "melhores filhos da terra", foi subentendido, como sendo aqueles, e só aqueles que tinham estado na luta, ou faziam parte do sistema.

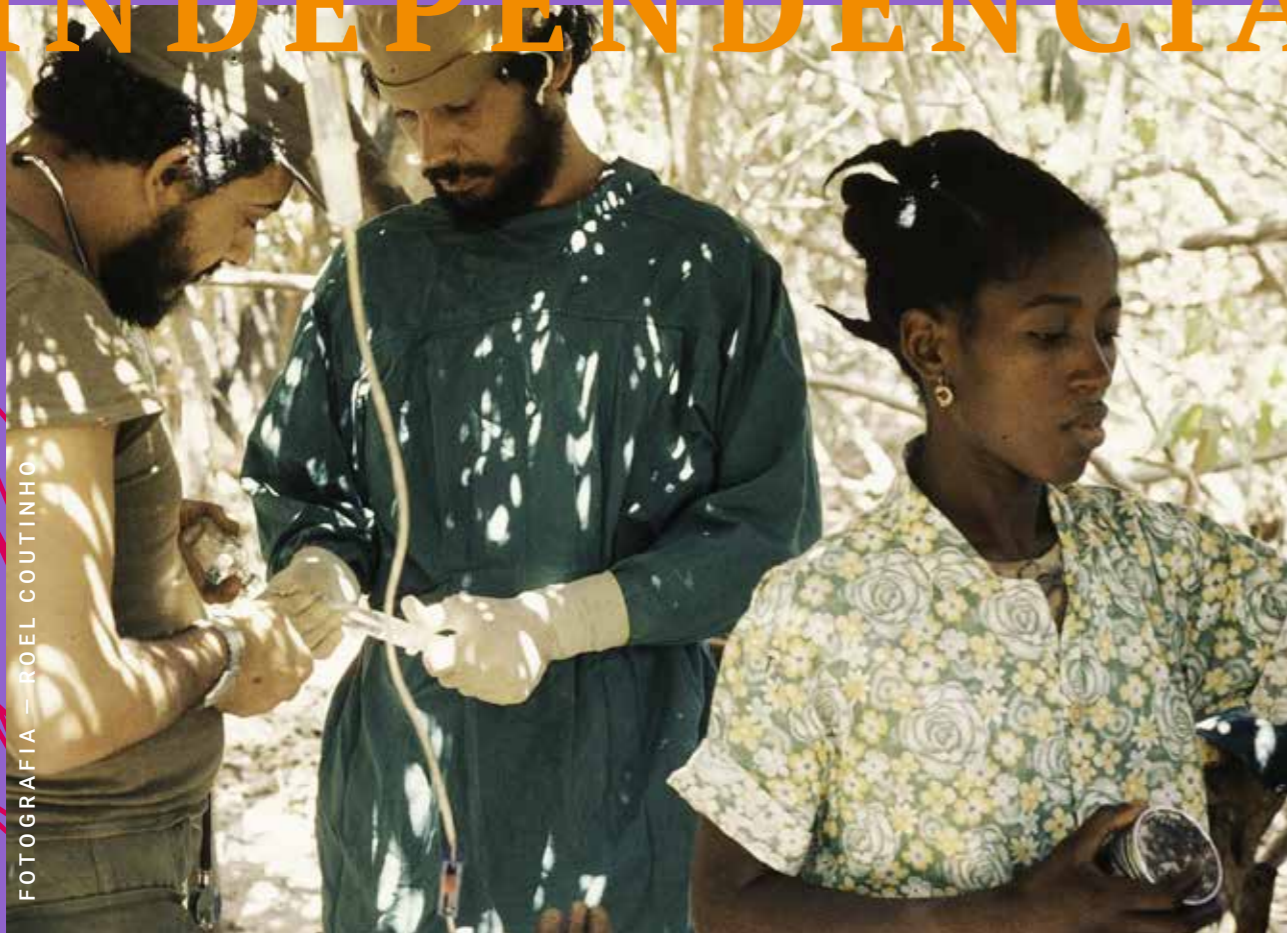
Mais, Cabral disse abertamente em 1965: "Lutamos para tirar o nosso povo da ditadura do poder instalado. Quem se julga único capaz e desejar perpetuar-se no poder é porque não dá valor ao seu povo".

O que aconteceu? O seu partido se alapou durante 15 anos ao poder, e não fossem os ventos de mudança que sopraram no leste, e inspiraram o levantamento do povo nas ilhas, passaríamos mais alguns anos a ser governados pelo seu regime e partido.

Outrossim, apesar da independência administrativa, apesar dos avanços que reconheço, na saúde, educação, etc. Cabo Verde, ainda não se libertou da colonização económico-financeira.



PAPEL DAS MULHERES NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA



FOTOGRAFIA — ROEL COUTINHO

A luta pela independência prometia um futuro melhor para o povo da Guiné Portuguesa (hoje Guiné Bissau) e Cabo Verde, mas qual era o papel da população feminina nessa luta? Para responder corretamente a esta pergunta teremos que voltar no tempo para enquadrá-la no contexto histórico da época.

Como vários membros do PAIGC, Amílcar Cabral cresceu numa família com alguma condição financeira, a que chamavam “a burguesia”. Desta forma, Amílcar Cabral teve a oportunidade de ir estudar em Portugal e desenvolver-se intelectualmente. Para Amílcar Cabral não fazia sentido libertar o povo do colonialismo e do jugo estrangeiro enquanto a classe feminina, do mesmo povo, permanecia oprimida, por direitos desiguais. Esta posição está claramente refletida nos estatutos da fundação do PAIGC. “Deverá haver igualdade para todos os cidadãos perante a lei, sem considerar nacionalidade, grupo étnico, sexo, desempenho

social ou cultural, status profissional; sem considerar ricos ou pobres, crenças religiosas ou convicções ideológicas. Homens e mulheres devem viver nas mesmas condições no que diz respeito à família, tanto no trabalho como em atividades públicas.”

No entanto, a visão de Amílcar Cabral sobre a participação das mulheres no combate e na sociedade era muito diferente da visão da maioria dos combatentes que não tiveram, como ele, a oportunidade de estudar e esclarecer-se. Estes eram, frequentemente, camponeses guineenses. Eles viam a emancipação das mulheres como uma ameaça. Os homens tinham, já, que lidar com a dominação estrangeira e não estavam minimamente preparados para aceitar a emancipação das mulheres ou a perda do seu papel de liderança.

Essa contradição foi-se refletindo no decorrer da luta. O PAIGC seguia a política de envolver as mulheres ativamente dentro da organização. Haviam, no entanto, argumentos que contradiziam esta visão, alegando que as mulheres não eram adequadas como militares, por causa das suas capacidades físicas. Apesar disso, documentos de arquivo mostram que as mulheres lutaram ativamente na frente, por exemplo, aquando da conquista da ilha de Como. Devido à intensidade dos combates, isso não aconteceu em larga escala.

Contudo, travar uma guerra envolve muito mais do que apenas lutar no terreno. As mulheres eram empregadas, entre outras funções, no fornecimento de alimentos e armas para a frente de combate, no tratamento de soldados feridos e no treinamento e mobilização de novas forças. Estes recursos foram vitais para sustentar a batalha, durante muitos anos.

Outro exemplo concreto é a contribuição de Amélia Araújo na Rádio Libertação. Através desta estação de rádio, eram transmitidas mensagens ao povo da Guiné-Bissau e de Cabo Verde quanto ao progresso da batalha. A rádio também contribuiu para aumentar a consciencialização dos militares portugueses sobre as consequências da guerra e do colonialismo português sobre os povos.

Para moldar o empoderamento das mulheres no PAIGC, foi criada em 1961, a União Democrática das Mulheres da Guiné e Cabo Verde (UDEMU). Esta organização feminina do PAIGC tinha como objetivo mobilizar as mulheres para a luta pela independência e consciencializá-las sobre a sua emancipação.

O PAIGC, também, implementou políticas para incentivar a participação feminina no mercado de trabalho. Foi estabelecida, por exemplo, uma cota quanto ao número de mulheres entre os trabalhadores de uma fábrica.

Estes exemplos mostram claramente como Amílcar Cabral e o PAIGC assumiram uma postura ativa na emancipação das mulheres. Ao mesmo tempo, refletem a consciencialização da necessidade de formular políticas ativas para a igualdade de género.

A verdade é que logo após a independência, em 1975, nenhuma mulher ocupou um cargo do governo. Entretanto, a percentagem de mulheres no governo aumentou significativamente e em Cabo Verde é alta a taxa de representatividade política feminina Fonte5. Apesar disso, este assunto (a emancipação feminina) merece, noutras áreas, ainda, muita atenção dentro da sociedade cabo-verdiana. Eis uma tarefa de todos no sentido de realizar a visão de Amílcar Cabral.

Nesta edição especial da Revista Nosagenda pretendemos seguir o exemplo de Amílcar Cabral de colocar as mulheres em primeiro plano. Na segunda parte deste artigo destacaremos duas participantes do sexo feminino na luta pela independência. As histórias de Maria da Luz Boal e de Ernestina Silá serão descritas como uma homenagem a todas as mulheres que contribuíram para a liberdade de Guiné-Bissau e Cabo Verde. Um pequeno gesto de agradecimento a Dulce Almada, Carmen Pereira, Paula Fortes, Francisca Pereira, Ana Maria Gomes e muitas outras.



FONTE 1:

Estatutos e Programa do PAIGC, edição francesa, com alterações e correções aos estatutos anteriores, aprovados pela II Conferência de quadros superiores do partido (Conakry, 15 a 30 de Janeiro de 1962).

FONTE 2:

Women in Guinea-Bissau and the Cape Verde Islands: their impact in the liberation struggle and the transformation process, Sophia Jetelle Woodard, 1986, Atlanta University

FONTE 3:

Luta de Libertação de Cabo Verde: O Papel da Mulher, Beatriz Landim Moreira, Julho 2006, Instituto Superior de Educação

FONTE 4:

Estatutos da União Democrática das Mulheres da Guiné e Cabo Verde (UDEMU).

FONTE 5:

Cabo Verde Country gender profile, African Development Bank 2018.

Ernestina Silá



FONTE 1:

<https://expresso.pt/africa/guine-bissau-presta-homenagem-a-titina-sila=f108649>

A 1 de abril de 1943, Ernestina Silá (apelido Titina) nasceu em Cadique Betna, uma cidade na região de Tombali, no sul da Guiné-Bissau. Depois de terminar o Ensino Secundário, Titina decide seguir os estudos como enfermeira. Para isso, Titina Silá parte para a Capital Bissau, onde resse sente as consequências do Colonialismo Português. Aos dezoito anos, Titina Silá decide se juntar aos combatentes do PAIGC - Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo Verde, fazendo dela uma das forças mais jovens.

Em 1963, Titina Silá viaja para Kiev, na antiga União Soviética, para um estágio em Ciência Política. No entanto, no início da luta armada, havia uma escassez de pessoal de enfermagem. Titina Silá voltou a Kiev em 1964, desta vez para treinar como enfermeira. Teodora Inácia Gomes, mais tarde congressista do PAIGC, também fez parte dessa viagem. Ela descreveu Titina Silá da seguinte forma: "Era uma lutadora incansável, amável, simples, uma pessoa excepcional e uma grande patriota"

"Era uma lutadora incansável, amável, simples, uma pessoa excepcional e uma grande patriota"

Após a formação em Kiev, Titina Silá decidiu não estudar mais na área da Medicina. Ela escolheu retornar a Guiné-Bissau para se juntar aos combatentes da Frente Norte. Titina Silá teve várias tarefas e posições no PAIGC. Os seus deveres incluíam convencer a comunidade do objetivo da batalha. Ela também conseguiu recrutar novas forças e ensinou novos membros do PAIGC.

Na Frente Norte, ela foi nomeada líder das milícias ainda jovem. Outra tarefa importante foi organizar a passagem de pessoas e mercadorias ao longo do rio Cacheu. Isso foi vital para fornecer às forças do PAICV - Partido Africano da Independência de Cabo Verde - alimentos e armas para que a luta pudesse continuar.

Posteriormente, Titina Silá tornou-se comissária política e membro do Conselho Superior da Luta no PAICV.

A 30 de Janeiro de 1973, exatamente uma semana após o assassinato de Amílcar Cabral, Titina Silá estava a caminho do funeral do líder do PAICV. Ela foi emboscada por tropas portuguesas no rio Farim, juntamente com outros combatentes.

Ela morreu aos 28 anos por afogamento nos Farim.

Depois do seu falecimento, o dia da morte de Ernestina Silá foi declarado Dia Nacional da Mulher na Guiné-Bissau. Ela é lembrada como uma das figuras mais famosas na luta pela independência - Bissau e Cabo Verde.

Maria da Luz Boal



Maria da Luz Boal (alunha 'Lilica') nasceu em Tarrafal, na ilha de Santiago, em 1934. Tendo crescido no Tarrafal, ela foi, desde muito cedo, confrontada com as atrocidades do colonialismo português. O campo de concentração do Tarrafal foi inaugurado em 1936. O transporte dos prisioneiros para a prisão, assim como o contato com os parentes portugueses de prisioneiros que iam para o Tarrafal visitá-los, provocou grande impacto na sua formação.

Lilica Boal viveu de perto a fome, nos anos 40. Ela nunca conseguiu esquecer o desinteresse do regime português em combater a fome.

No período colonial, havia, em Cabo Verde apenas um liceu, situado na ilha de São Vicente. Assim, depois de concluída a escola primária, Lilica Boal foi obrigada a viajar para São Vicente. Após terminar o liceu, ela seguiu para Coimbra, Portugal para continuar os seus estudos.

Durante estes estudos, Lilica Boal envolveu-se com um grupo de 50 jovens, de diferentes países africanos, motivados a participar na luta contra o colonialismo português, em África. Em Junho de 1961, o grupo partiu para a África. Viajaram de Portugal para a Alemanha, onde esperava-lhes um avião ganês.

Uma vez em Gana, parte do grupo foi levada para Angola. Lilica Boal foi para o Senegal, onde trabalhou na sede do PAIGC, em

Dakar. Para além de desempenhar a função de contabilista, ela atuou ativamente na mobilização da comunidade cabo-verdeana no Senegal.

Em 1969, ela ocupou o cargo de diretora da "Escola-Piloto" do PAIGC, em Conakry. Uma escola criada para receber os filhos de combatentes ativos e órfãos da guerra. A "Escola-Piloto" também era um internato, onde as crianças podiam morar.

As crianças eram educadas para tornarem-se futuros líderes do PAIGC. Após o ensino médio e, graças a muitos apoios internacionais, elas eram enviadas para estudar no estrangeiro.

O material didático foi parcialmente escrito pela própria Lilica Boal. Isto permitiu com que os materiais de ensino refletissem uma história verdadeira e a realidade africana da época.

Graças a apoios recebidos da Suécia, também foram disponibilizados materiais didáticos. Publicou-se, por exemplo, o livro "O Nosso Livro".

Lilica Boal fez parte da direção da UDEMU, a organização feminina do PAIGC, onde ela era responsável pela secção de relações internacionais.

Após a vitória sobre o colonialismo português, ela permaneceu ativa na criação de internatos na Guiné-Bissau. Com o golpe de estado na Guiné-Bissau, em 1980, ela regressou para Cabo Verde. Uma vez lá, continuou a trabalhar na área da educação e foi uma das fundadoras da OMCV, a organização das mulheres do PAICV, em Cabo Verde.

"Se valeu! Porque eu que conheci um Cabo Verde em que, para eu fazer o liceu, tive de ir a São Vicente, porque não havia um único liceu em Santiago. Agora vou ao Tarrafal e vejo o liceu com todas as condições que tem agora; vejo os jovens frequentando o liceu, com uniforme, com uma cantina."

FONTE 1:

<https://www.esquerda.net/artigo/mulheres-de-abril-testemunho-de-lilica-boal/64575>

FONTE 2:

<https://www.dw.com/pt-002/lilica-boal-a-eterna-diretora-da-escola-piloto-do-paigc/a-17678843>

FONTE 3:

<https://lifestyle.sapo.cv/vida-e-carreira/novidades-vida-e-carreira/artigos/lilica-boal-em-todas-as-frentes-de-luta-encontravamos-a-mulher-a-fazer-o-que-sabia>

A JUSTIÇA DEVE SER IGUAL PARA TODOS OS SERES HUMANOS



Onde há injustiça contra a humanidade, a comunidade coloca a justiça em perigo. A injustiça faz com que a justiça perca a sua credibilidade. E nós, de cor negra, em quase toda a parte do mundo, sentimos a injustiça na pele, pelo menos uma vez na vida. Portanto estamos em 2020, e nada disto deveria acontecer mais. Infelizmente devido a injustiças, discriminação e racismo... Eu estou no Luxemburgo, é um país próspero e desenvolvido, mas aqui eu já senti, assim como muitos outros da nossa comunidade.

Por exemplo, uma pessoa negra para alugar uma casa, por norma, é um grande problema aqui. Há quem diga que prefere visitar uma casa, acompanhado/a de um amigo/a branco/a, porque assim talvez tenha mais chance de ser aceite. Isso é discriminação pura. Existem casos semelhantes nas escolas ou na procura de emprego... E isto não pode ser; por isso eu luto para um futuro melhor para os meus filhos.

O sistema tem que mudar; a justiça deve ser igual para todos os seres humanos, e não só privilegiando os brancos (privilegio branco). Contra a injustiça até o fim.

MAUREEN FURTADO LEAL – LUXEMBURGO

VAMOS SER A MUDANÇA!

Orgulhoso da cor da nossa pele. Orgulhoso de ser Cabo-Verdianos. Orgulhoso de estarmos enfrentando isso juntos, como um só. Vamos todos fazer uma mudança... Vamos ser a mudança!

**JESSY BARRETO
STEVIE SOARES
PAULO LOPES
OS PAÍSES BAIXOS**



E HORA DE REGRESSAR A TERRA NATAL.

Eu acredito que nós, como comunidade, também temos responsabilidade pelo futuro do nosso país de origem. O racismo sistemático priva a comunidade negra de muitas oportunidades portanto porque que não haveremos de criar as nossas próprias oportunidades repassando conhecimento para os países em África.

JANE ORTET – OS PAÍSES BAIXOS



AND STILL WE RISE

"And still we rise" (ainda nos levantamos). É uma citação da poeta americana, autora de livros de memórias e ativista pelos direitos civis Maya Angelou. Esta expressão é poderosa e me mantém motivada. Apesar de todos os comentários e sofrimento que nós, como comunidade, experimentamos há centenas de anos, continuamos com a cabeça erguida.

Não vou prolongar o meu desconforto, enquanto outros se sentem confortáveis. Agora, mais do que nunca, nós precisamos formar uma unidade para criarmos mudanças. Ninguém nasce para odiar o outro, por causa da cor da sua pele, ou passado/contexto histórico, ou religião. Nunca vou fechar os meus olhos ao racismo! Eu vou lutar para um mundo novo em que não precisamos aceitar o mínimo. Queremos que haja uma mudança!

SUELLY MENDES – OS PAÍSES BAIXOS



Cabo Verde - S. Tiago
Raparigas indigenas pilando milho.

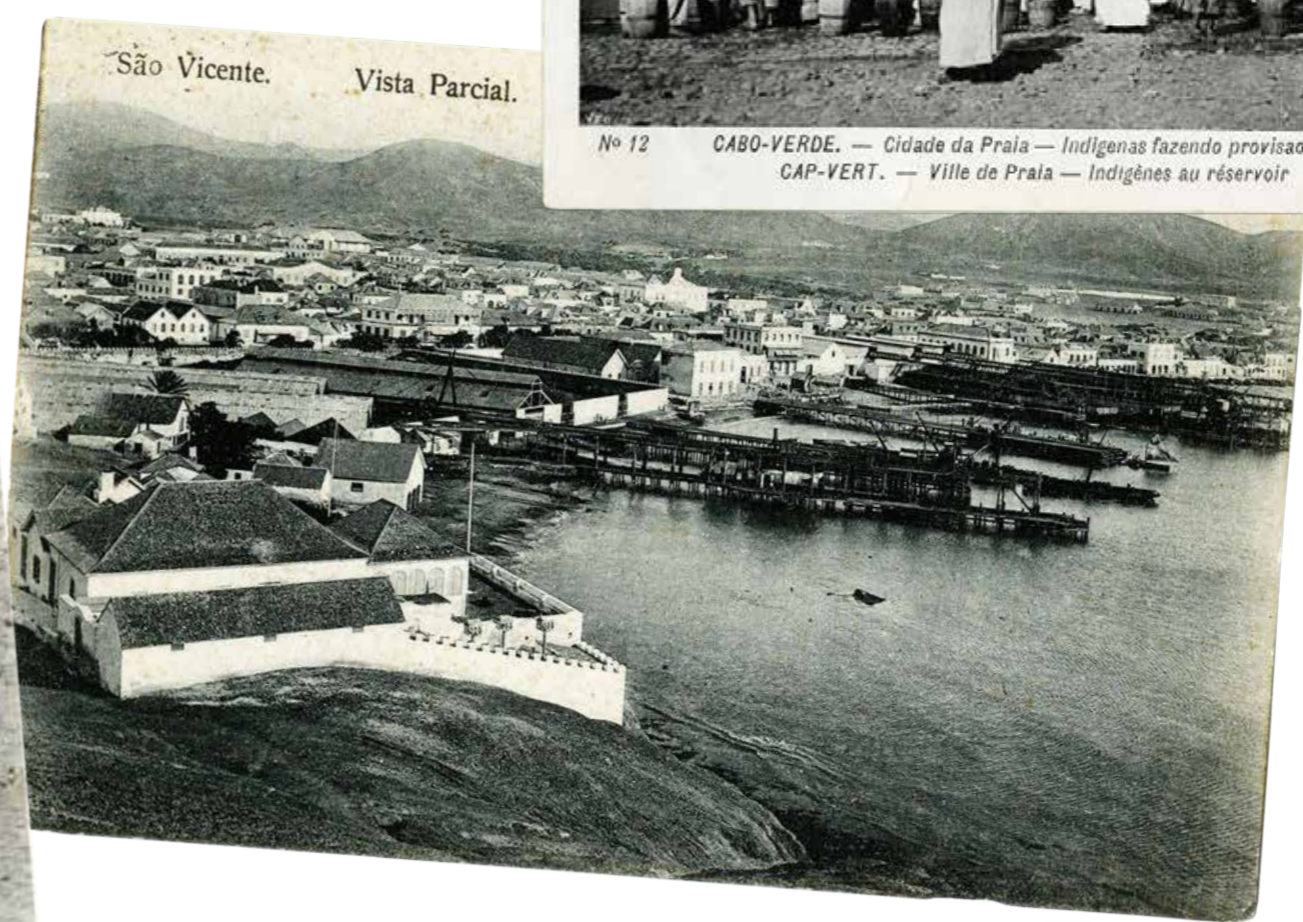


Terreiro - Villa da Ra. Grande - Sto. Antao. Une place dans l'ile de Sto. Antao - Cap-Vert.

*Sancti Antao a S. e
11/6/1907
Cape Verde*



Nº 12 CABO-VERDE. - Cidade da Praia - Indigenas fazendo provisao d'agua
CAP-VERT. - Ville de Praia - Indigènes au réservoir



São Vicente. Vista Parcial.

